

ANTONIO SKÁRMETA

UM PAI DE CINEMA

Tradução de
Luís Carlos Cabral

2ª edição



D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2017







No meio do caminho tinha uma pérola.

Tinha uma pérola no meio do caminho.

A pérola é este livro que você agora tem em mãos.

O grande autor chileno Antonio Skármeta tinha um sonho de ver este livro transposto para as telas de cinema, e seu sonho era mais específico: que fosse um filme falado em português.

Um amigo do sul do Brasil chamado Romar indicou que Skármeta visse “O Palhaço”, pois entendia que existia algum parentesco em nossa sensibilidade.

Vania Catani, produtora da Bananeira Filmes, recebeu então um chamado do Skármeta oferecendo os direitos desta sua nova obra.

Eu recebi o livro e achei que era trote.

Por que diabos o grande autor de *O carteiro* e *O poeta* entregaria um livro para eu filmar?

Muita responsabilidade!

Quando eu li compreendi tudo.

Os sonhadores se reconhecem de longe.

As páginas iam passando e a certeza aumentando de que eu tinha que filmar essa pequena história passional.

Me identifiquei com este protagonista.

E quis contar sua história como se fosse a minha.

Todos os elementos humanos que me motivam a contar uma história estavam ali: os afetos familiares, o rito de passagem de um jovem se tornando adulto, os primeiros amores, a inadequação da tenra idade, o humor refinado e a emoção afiada.

O cinema possui suas próprias ferramentas e por isso precisei ir além das páginas do livro, tive que propor novos caminhos para os personagens, sem ferir a essência que o autor do livro engendrou.

A literatura expande sua capacidade de exercitar a maior das faculdades: a imaginação.

O cinema, ao menos o cinema que aprecio, também deve deixar brechas para o espectador agir e se tornar coautor do filme.

Estas duas formas de arte são fluviais, porque possuem a capacidade de banhar e fertilizar várias gerações.

Tomei este livro como um guia, e segui os instintos mais primitivos e luminosos que a leitura de Skármeta me proporcionou.

Adaptação é uma palavra rasa, que não dá conta do que significa esta travessia tão sutil.

Prefiro dizer que respondi com imagens e sons aos sentimentos mais puros que este livro me inspirou.

O autor me deu a chave de tudo quando disse que seu protagonista se sentia um personagem secundário.

Isso foi uma revelação linda demais e norteou meu trabalho na versão cinematográfica.

Um livro cheio de ternura inspirou um filme que exalta o lado bendito da vida.

O cinema é uma forma de sonhar acordado.

O matrimônio entre este livro e o filme teve um final dos mais felizes.

Desejo boa leitura e que você sinta a beleza humana escorrendo por seus olhos.

Estas páginas estão grávidas de um prodigioso potencial afetivo.

Desejo boa viagem neste trem!

Selton Mello

Um

Sou o professor da aldeia. Moro perto do moinho.
Às vezes o vento cobre meu rosto de farinha.

Tenho pernas compridas, e as noites de insônia
esculpiram olheiras sob minhas pestanas.

Componho minha vida com os materiais rústicos da aldeia: o som aflito do trem local, as maçãs do inverno, a umidade que sinto na casca dos limões tocados pelo orvalho da madrugada, a paciente aranha na escuridão do meu quarto, a brisa que balança as cortinas.

Minha mãe lava imensos lençóis durante o dia e à noite ouvimos novelas no rádio bebendo água de melissa até que as ondas se perdem em meio às dezenas de estações argentinas que ocupam o dial noturno.

Dois

Minha aldeia se chama Contulmo, e é menor que a vizinha Traiguén. Antes de ir para a capital a fim de obter o diploma de professor, terminei o secundário em Angol, uma aldeia pouco maior do que Traiguén. Ali sofri uma anemia aguda, que os médicos trataram me receitando Emulsão Scott, de óleo de fígado de bacalhau, e injetando tonificantes em meus braços.

No hospital, uma enfermeira me iniciou no vício dos cigarros baratos, e para financiar essa arte, que me rendeu uma bronquite, tive de arranjar outro trabalho.

Que é extremamente precário e modesto. Uma vez por semana, mando pelo caminhoneiro que vem buscar os lençóis que minha mãe lava para o hotel de Angol alguns poemas traduzidos do

francês, que o diretor do jornal publica no suplemento dominical.

Meu pai é francês e voltou a Paris há um ano, quando terminei meus estudos na Escola Normal e voltei a Contulmo.

Eu desci do trem e ele subiu.

Beijou minhas faces com desespero e minha mãe apareceu na plataforma vestida de luto. Minha volta para casa nunca substituiu a ausência de meu pai. Ele cantava “J’attendrais”, “Les feuilles mortes” e “C’est si bon”.

Além disso, sabia fazer um bom pão crocante, a baguete, diferente dos pãezinhos típicos desta região, os *marraquetas* e *colizas*. Também costumava levar laranjas e limões ao mercado. Ia todos os dias buscar farinha no moinho, e ali começou uma amizade com o dono. Quando papai foi embora, eu não soube reproduzir sua arte de fabricar baguetes, mas mantive a amizade com o moleiro.

Que sabe mais a respeito de meu pai do que eu mesmo.

Sabe mais de meu pai que minha própria mãe.